

Anistiada política: DIRCE MACHADO

Data de nascimento: 04/09/1934

Tenho 74 anos. Sou versátil, faço de tudo um pouco.

A gente morava nas fazendas alheias. Meu pai pegava as roças para plantar. Minha mãe trabalhava na cozinha dos fazendeiros. Eu, pequena, com 7, 8, 10 anos, enfrentava a cozinha junto com minha mãe de madrugada. E ia para roça com meu pai. Minha mãe trabalhava também, mas só quem tinha salário o dia que trabalhava para o fazendeiro era meu pai, que trabalhava por dia. Eu e minha mãe trabalhávamos de graça. A gente não tinha valor de nada, era instrumento.

Meu pai era arrendatário em Rio Verde. Foi lá que eu entrei para o partido, por uma coincidência, porque ninguém nem sabia o que era um partido. Eu era revoltada com a exploração dos arrendatários, meeiros e achei nas propostas do Partido a resposta para minhas perguntas.

Em 1954 eu já morava na Itapeva, num córrego da Colônia Agrícola, perto de Ceres, e era militante comunista. E o partido decidiu que fosse um grupo de companheiros para participar da luta e orientar porque eles estavam jogados nas mãos dos bandidos sem saber se defender.

Aí fomos eu, o José ribeiro e o Geraldo Marques. Eu casei para ir para Formoso.

Eu e meu marido a gente já namorava. Ele era militante comunista, eu também. Eu era uma adolescente. E nas mãos do partido era uma batata quente porque o partido, o povo, tinha um preconceito muito grande com as mulheres, com as moças na companhia. Então, eu era a menina dos olhos de todo mundo. Eu era funcionária, morava na casa dos companheiros.

O Rio Formoso fica na entrada da cidade. Tem o Santa Teresa, o Formoso e lá pra dentro, tem a Laje, Lajinha, Montividiu... É uma região montanhosa, com muitos córregos, muitas matas. Era mata pura, tinha muito pouca roça, poucas benfeitorias. Os posseiros foram para lá, a turma dos Marinheiros, foi uma turma muito grande. Ela veio para se agregar em Ceres, mas as terras já tinham acabado e eles desceram porque as terras eram devolutas, e camponês para o lado de terra é como enxame de formiga, quando um vai, vai todo mundo. Eram umas quinhentas pessoas.

E aí o povo apossou e quando começou a beneficiar vieram os grileiros de Porangatu, Uruaçu e resolveram investir. Esse é um dos problemas do sistema capitalista agrário: quem tem muito, mais quer.

Em 1956, 1957 começou a luta lá. O primeiro embate foi em 1955. Depois eles se afastaram. Aí quando o Exército entrou mesmo foi em 1964. Já tinha uma história de conflito lá em Formoso. O povo estava desorientado, estava lutando para organizar a terra. O Porfírio já tinha ido ao Rio duas vezes, já tinha vindo em Goiânia, e os grileiros começaram a acossar, a botar fogo nas casas. Ninguém dormia em casa mais, dormia no mato, embaixo de chuva porque podia tá em casa e os grileiros vir e atear fogo nos ranchos. Ninguém tinha sossego, era um terror.

Tinha o João Soares em Formoso que era o chefe do bando. A turma vinha e ele ficava lá. Eram pessoas de fora. Eram jagunços comandados por policiais. Já tinha um início de luta.

O Zé Firmino foi um posseiro que começou a dizer não para os grileiros e a encabeçar a luta, mas sem ter noção de nada, sem ter política na cabeça. Logo ele foi apertado pelos grileiros e ele, como diz os maranhenses, “frouxou” o riacho, saiu da luta.

Nós fomos de Ceres, lá do córrego Itapeva, era muito longe; a gente viajava o dia inteiro em terra esburacada e na carroceria de caminhão porque não tinha nem ônibus. Quando chegamos lá, eles já tinham iniciado uma luta pela legalização da terra. Eram terras devolutas, e eles queriam comprar as terras e não conseguiram.

A primeira atitude nossa foi pegar uma posse e viver como os posseiros mesmo. Porque a gente era de origem camponesa e sabia tudo de lavoura. Era participar da vida dos posseiros, viver como posseiro e orientá-los na luta pela defesa da terra. Fazíamos tudo, a gente colhia a roça, organizava mutirão. Lá tinham as intrigas de cerca, de gado na roça. A gente ia, organizava e resolvia os problemas. Eu lecionava também, mas não era educadora, eu era mesmo camponesa.

Nós os comunistas não falávamos que eramos comunistas. A gente sabia que a turma era contra, a igreja, principalmente, era ferrenha. Então, a gente levava a mensagem, mas não dizia a sigla. Nós orientávamos, eles acatavam porque sabiam que era certo e estavam precisando de apoio. E nós fundamos uma associação que dava assistência jurídica e tudo – Associação dos Posseiros de Formoso, registrada no início de 1955.

Em 1964 houve uma trégua, foi quando Mauro Borges foi eleito. Na época do Mauro, nós, a associação, chegávamos ao Palácio, marcávamos audiência e falávamos com o governador no mesmo dia. Ele mandava engenheiro para nós.

TRAIÇÃO

A traição, é treição que eles falam, é uma reunião de pessoas para trabalhar na casa de um amigo sem ele saber. Ele está com roça, no mato, ou para plantar ou para derrubar. Aí reúne todo mundo, sem ninguém comentar. Quando é de madrugada chega todo mundo caladinho, sem falar nada, sem fazer barulho nenhum, faz simpatia para o cachorro não latir, e quando chegam perto da casa solta foguetes, fazem aquele arroubo todo e assustam tanto o dono da casa que às vezes ele até veste a roupa do avesso. E aí pedem café, pedem comida e deixam ele no sufoco. Mas aí vem uma comitiva trazendo o almoço pronto para outro dia.

A GUERRILHA

Chamava guerra fria, a polícia ficava em Formoso e nós no mato. Nós tínhamos as matas, os rios, as moitas, as pedras que eram as nossas defesas. E o camponês quando cai com medo no meio do mato para se esconder ele anda igual bicho do mato mesmo, não faz nem barulho. A gente conhecia tudo. Nem nós íamos a Formoso e nem Formoso vinha até nós, se entrássemos lá era perigoso. Isso durou uns três anos.

A guerra fria (*luta dos posseiros pela terra em Formoso*) e a Guerrilha do Araguaia não tinha nada uma coisa com a outra. A gente usava o sistema de guerrilha, dava um tiro, dois e caía fora, ia montar outro piquete. Não tinha nenhum treinamento de guerrilha, era uma defesa natural mesmo. Formoso foi uma luta para defender as suas terras, as suas casas, a vida. E a turma do Araguaia, segundo eu penso, o que li, porque eu não participei, era para se defender do sistema político de dominação. Defender a nossa terra, o que era nosso, o que era do Estado. O partido foi para lá para ajudar os coitados a se defenderem.

JOSÉ PORFÍRIO

O Zé Porfírio era um camponês desses bonachões que não se preocupava com roupa, com o barracão onde morava; saía com o bolso da calça cheio de farinha, de rapadura para comer com pequi no cerrado. Ele podia tá indo para uma tarefa muito importante, se ele sentisse cheiro de abelha no ar não tinha tarefa; ele parava, cortava o pau e ia comer o mel.

Ele ficou viúvo quando os jagunços queimaram a casa dele. A mulher dele estava de resguardo há poucos dias, era cardíaca e morreu.

Eles nos torturaram muito para gente condenar o Mauro, o Zé Porfírio e outros companheiros. A gente apanhou ali, fez tudo, mas não os condenamos. A gente fazia tudo para livrar a pele um do outro.

O Zé Porfírio foi eleito deputado estadual. O mais bem votado da história de Goiás. Ele foi feito líder. A associação o elegeu a presidente. A gente decidia e ele aparecia. Tinha que ter uma liderança, ele era um camponês nato. Eles o mataram.

A FORÇA E A RESISTÊNCIA DAS MULHERES

Na região de Formoso e Trombas (o povo) era muito atrasado. As mulheres não tinham direito de dar um pouco de água para alguém que chegasse se o marido não tivesse em casa. Com a perseguição dos jagunços elas tiveram que lutar por sua sobrevivência e a dos filhos. Os maridos correram para o mato. Quando não estavam no piquete, estavam no mato. Ai tinham as roças, tinham os filhos, tinha alguma criação, tinha que angariar a sobrevivência. Ai elas tiveram que se organizar. Angariavam comida, angariavam coisas. A gente cozinhava e levava até certo ponto porque a gente não podia descobrir onde eram os piquetes. Ai vinha um pegava a comida e levava para os piquetes.

Então, a gente angariava comida e começou a se organizar. E como as mulheres estavam separadas, tinham que saber atirar, que saber se defender, montar guarda, tinha que levar recado... Foi uma luta dura. Tinha que dar comida para os homens no piquete, tinha que colher as lavouras – às vezes plantar; tinha que cuidar dos filhos, cuidar das companheiras doentes. Tinha que cuidar de tudo, inclusive da orientação certa de pessoas estranhas que entravam na região. Era um serviço muito pesado para pessoas que não tinham, até aquela época, vivido uma fase dessas.

Teve vez de companheiros que estavam no piquete instruir os elementos para relaxar a guarda das estradas para a polícia poder entrar. Teve uma vez, lá no Sapato, que os homens vieram depositar as armas. Aí duas companheiras pegaram as carabinas e falaram que a estrada não ia ficar aberta porque era o ponto principal antes de Trombas. Se passasse desse piquete se chegava a Trombas. Uma velha que era a matriarca, comadre Onília – uma maranhense- ficou muito enfezada. Para o maranhense você falar que vai “frouxar o riacho” é pior que qualquer nome que você xingar. Frouxar o riacho é ficar com medo, sujar as calças (risos). Aí ela chegou, andou na sala onde estavam os homens, colocou o dedo no nariz de todo mundo e disse: vocês frouxaram o riacho, homens frouxos. Então colocou o dedo no nariz dos dois filhos dela, um de 12 outro de 14 anos e disse: Liontino e Osvaldo quem te pariu fui eu, quem te criou fui eu. Toma o seu pau de fogo e vai com as mulheres. Se você frouxar o riacho é para meter bala na sua cabeça. Aí nós saímos. No outro dia teve uma nova reunião, a turma caiu em si e aquele que estava fazendo papel de desertor ficou proibido de passar na região.

A dona Francisca, do seu Mateus, todo mundo a chamava de mãe Francisca – uma velhinha magrinha. Ela e a filha dela, Isabel, eram terríveis. Os jagunços passavam na casa dela, os companheiros de piquete passavam na casa dela, ela vivia no fogo cruzado. Tinha um sinal, quando o terreno estava livre ela colocava um pano branco no arame como se tivesse estendido. Se tivesse algum problema, às vezes o jagunço estava na sala dela, ela colocava um pano vermelho. Aí eles não iam. Eles deixavam um ramo em determinado lugar, quando via o ramo sabia que eles estavam esperando ela no fundo do quintal. Eles carregavam água num pote, e era longa a distância. Então ela pegava a comida, que era feijão com farinha, amarrava numa palha, fazia uma trouxinha colocava no pote, punha na cabeça e ia buscar água. E os jagunços estavam lá dentro. E ela ia levar a comida pra um companheiro lá no córrego. Isso não é um gesto de bravura?

A Ita do Nego Carreiro, que foi o homem quem deu o primeiro tiro lá, que matou o jagunço, o sargento Nelson. Ele foi para receber arrendo e queria obrigar, no meio de uma reunião, o Nego Carreiro e os outros posseiros a assinar que pagaria o arrendo. O Nego não aceitou porque, se assinasse, estaria aceitando que a terra era dos fazendeiros e que eles eram invasores. Eles não aceitaram isso. Não ia pagar e não pagou. O sargento Nelson estava ganhando naquela época cinquenta conto para matar o Nego Carreiro – a gente soube disso depois. Aí quando o sargento Nelson foi tirar o revólver para matar o Nego Carreiro, ele, que era mais esperto, estava com uma camisona de algodão, tirou a garruchinha e foi bem na testa, foi só um tiro. Dias depois a mulher do Nego Carreiro estava em casa fazendo comida para levar para o piquete, eles (policiais jagunços) chegaram, viram aquela panelona de farofa e falaram que era muita comida para pouca gente e que iam comer. A mulher do Nego Carreiro pegou a comida, jogou no chão e disse que preferia que os cachorros e porcos comessem do que os cachorros do governo. Eles bateram tanto nela que ela abortou a gravidez de cinco meses nos pés dos policiais. Eu mesma curei os hematomas das pancadas nas costas dela.

A UNIÃO DO POVO

O povo era tão unido! Se um estava doente, não tinha carro, a pessoa não dava conta de ir nem a pé nem a cavalo, ia na rede. Pegava um pau, botava a rede, pegava cada de um lado e saía correndo e uma turma de homem ia atrás. Lá adiante trocava.

A gente fazia uma lata dessas de 20 litros cheia de comida, punha prato e um ia a cavalo levando a comida. Determinado lugar parava, arranjava dois paus e amarrava a rede. Isso era de Formoso a Santa Teresa, umas 8 léguas no meio daquelas montanhas, carregando doente. Nunca morreu ninguém assim. De lá, às vezes pegava um pau-de-arara, colocava o doente em cima e ia para Ceres, de Ceres para Goiânia. Aqui (Goiânia) era fácil. Nós tínhamos um grupo de médicos amigos (Dr. Omar Carneiro, Dr. Nilton. Dr. Jonas Aiube) todo mundo colaborava com a gente. Chegávamos aqui eles cuidavam, ajeitavam as coisas e davam pra gente; angariavam medicamentos, me explicavam a forma de usar e eu fazia a manutenção.

ABASTECIMENTO

A comida a gente é quem produzia. Se tivesse um prato de comida e chegassem mais dois companheiros, nós repartíamos. Medicamentos, nós tínhamos uns amigos caminhoneiros que levavam pra gente escondidos dentro dos calotes de água. Eles tinham um tipo de buzina, um jeitinho de tocar, quando chegavam a determinado lugar eles tocavam, passava um pouco repetia e repetia de novo e daí a gente sabia que um companheiro ia descer. Esses companheiros eram de Anápolis, Goiânia iam levar cargas para comerciantes e fingiam para polícia que eram inimigos nossos, inventavam conversas para polícia os deixar entrar.

MUTIRÕES

Todo camponês de Minas, Goiás usa o mutirão (quando uma pessoa está apertada de serviço na roça e outros vêm ajudar. Depois do serviço fazem uma festa, um baile que é uma parte divertida). Lá a gente fazia os mutirões porque ninguém podia trabalhar sozinho numa roça – era perigoso o ataque dos jagunços e eles iam mesmo. Então a gente ia para a roça com a carabina e a enxada do lado. A mulher ia levar comida na roça com a espingarda e a bacia de comida na cabeça. Se fosse atacada a gente jogava a bacia no chão e “pau comia”. Ali ficava todo mundo de olho. Tinha um pombeiro (pessoa que ficava vigiando) que ficava à distância vigiando, podia até ser um garoto, se visse de longe algo estranho dava um sinal, a turma largava as ferramentas e pegava a espingarda. Então, trabalhávamos só em mutirão porque não podíamos trabalhar isolados. Era tudo feito assim. E como a região era muito pobre, reunia aí 20, 30, 40 pessoas na roça. As mulheres ficavam para cozinhar, fiar, fazer as coisas – as roupas, as cobertas eram de algodão tecidas no tear. Então, elas faziam esses serviços e os homens cuidavam das lavouras. Como era muita gente, muitas vezes o dono da casa não tinha condições de dar alimentação para todo mundo, cada um colaborava com um pouquinho. Nós tivemos muita colaboração dos estudantes, dos jornalistas; o Cruzeiro (revista da época) foi lá nos entrevistar. Nós fomos notícia internacional. Eram jornalistas, médicos, desembargadores, deputados... Nós tivemos uma cobertura muito grande, principalmente dos estudantes de Goiânia (universitários, a UNE). Até hoje, algumas pessoas não entendem, mas o nosso grupo antigo que participou da luta lá de Formoso ainda é assim: o que eu tenho é dos companheiros, o que eles têm é meu. Se eu chego à casa de alguém eu tenho cama, eu tenho comida, tenho tudo que eu precisar. Se tiver doente eles me ajudam eu faço o mesmo por eles. Tem mais uma coisa, os companheiros não pensavam em si, mas no outro. A gente não traía o outro por nada na vida. Deus me livre se eu fosse taxada de traidora.

PRISÃO

Nós ficamos dois anos foragidos no mato. Era dentro da minha posse, na posse de um amigo. Quando eu fui foragir eu tinha dado à luz numa cesárea de poucos meses, seis meses. Mas tinha um grupo de pessoas de confiança que sabia onde eu estava. Teve dias de eu sair do mato para ir fazer parto (risos).

No dia que nós fomos presos lá no mato, o Ribeiro estava com uma desidratação violenta. Nós éramos sete pessoas: eu, meu marido, meu irmão e um grupo de companheiros. Tinha também o Geraldo Tibúrcio. Isso foi depois da Revolução, era 1974. Isso foi em Formoso. Ainda voltei pra lá me candidatei, fui vereadora por 2 mandatos pelo PMDB.

Presa mesmo eu fiquei só dois meses e 10 dias. Estive aqui em Goiânia na Casa de Detenção, depois fui para Brasília. O DOPS escondia a gente (tinha um jornalista no nosso grupo) porque tinha uma comissão de estudantes e jornalistas... Fiquei girando porque eles não deixavam a gente num lugar só. Estávamos numa prisão, de repente mandavam a gente fazer as trouxas e sumiam com a gente para outro lugar. Era só eu de mulher no grupo. Eles me colocavam junto com as presas comuns.

No meu ponto de vista era morrer, não entregar companheiro nenhum porque a gente morre uma vez só e o covarde arrasta a covardia pelo resto da vida. Então, o nosso grupo ter essa posição de ninguém entregar ninguém, foi a nossa salvação, a nossa resistência.

TORTURA

O negócio é o seguinte, eles te espancavam para extrair alguma informação. Se a gente falasse era como bolo no fermento, quanto mais fermentado mais cresce. É isso. Meu marido eles espancaram muito, quebraram o nariz dele, despenduraram ele pelos pés. Ele ficou mais tempo preso do que eu. Foi preso duas vezes e eu fiquei em Formoso, não fui presa, mas fiquei vigiada pela polícia. Eles espancavam sem dó. Teve dois companheiros nossos, o Onésimo que eles o espancaram e tanto que ele mudou de cor; e o Nelson Marinho, eles espancaram ele demais. Cortaram um pedaço do couro cabeludo da cabeça dele e fizeram-no engolir com urina dos policiais.

A gente fazia tudo para livrar a pele do companheiro ou de qualquer outra pessoa. Por exemplo: eles nos torturaram muito para que nós condenássemos o Mauro e o Zé Porfírio e outros companheiros. Apanhamos mas não condenamos. Um dia eu perguntei para um torturador se ele tinha coragem de pegar nos filhos dele, beijar a mulher dele com as mãos sujas de sangue. Ele olhou pra mim e disse quem faz pergunta aqui sou eu.

Isso tudo não deixou sequelas psicológicas em mim porque eu estava preparada, mas meu marido, na doença dele, teve crises de loucura, de desatino achando que os médicos eram todos policiais. As condutas médicas ele achava que era tortura. Foi uma loucura o fim da vida dele. Morreu aos setenta e poucos anos. Agora eu fiquei com problema nos tímpanos por causa dos “telefones” (técnica de tortura em que a pessoa leva tapas nos dois ouvidos simultaneamente).

A coisa que mais me chocava quando eu estava na casa de detenção era aquela música “Amada Amante” porque eu sabia que eles estavam torturando alguém. Eles colocavam a música muito alta para tampar os gritos do torturado e psicologicamente torturar os outros.

LEI DA ANISTIA

Foi um reconhecimento da luta das pessoas, porque nós fomos tachados de bandidos e hoje somos reconhecidos como heróis. Foi certo, veio numa hora oportuna. Nós tivemos que engolir todas as provas que a gente tinha. Agora, hoje, tem que vomitar. Caçar onde não acha para provar que a gente sofreu, que foi torturado. Por incrível que pareça, eu sou uma pessoa que deito e durmo tranquila. Eu tenho a minha consciência tranquila de ter cumprido com o meu dever. O respeito que todo mundo tem por mim, principalmente o povo de Formoso. Lá eu sou comadre, madrinha de quase todo mundo. Quando vou lá não sei nem o que faço para ir à casa de todos, beber café com todos. Aqui minha casa é grande, cheia de cama, as panelas são grandes e vive cheia de gente de lá e de outros lugares.

Eu tive quatro filhos legítimos e sete adotivos, só um faleceu há pouco tempo. Eles se orgulham de mim e do pai que tiveram.

Eu me sinto realizada. Não existe faculdade melhor que o Partido Comunista. Apesar de que eu não milito mais, depois de tudo que passei - doença do marido, do pai, mãe, eu não milito. Mas é a maior faculdade que já conheci.

Eu faria tudo novamente, valeu a pena, foi muito importante. Vejo o interesse que o povo tem até hoje em descobrir o que aconteceu lá. Muitas vezes sou convidada a dar entrevistas em universidades, escolas estaduais, nas igrejas...

A gente reunia, discutia, traçava as estratégias e aplicava. Depois de tudo, de reunido, discutido, traçado e aprovado a gente cumpria com penas de morte. Mesmo que eu fosse morrer eu cumpria o que havia para mim.

Acontece que a gente lutava por uma causa legítima. Não era nada imposto, nós não tínhamos patrão. Nós éramos os donos da história.